



Presidente Prudente, 14 de dezembro de 2010

Jornal Laboratório do curso de Comunicação Social da Unoeste

Oitavo termo jornalismo B

JORNALISMO INVESTIGATIVO

BASTIDORES DA SÉRIE CRACOLÂNDIA

Arte: Claudio Moreno



Editorial

EXISTE MUITO TRABALHO PARA ELABORAR UMA SÉRIE

Quem está em casa, no conforto de seu sofá, nem imagina o que ocorre por trás de uma matéria jornalística, em especial, se ela for típica do jornalismo investigativo.

Por isso, esta edição especial, fruto da peça prática do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) dos alunos do 8º termo de Jornalismo, revela como é produzir uma série televisiva, quanto é necessário planejar, apurar, ligar, checar, recheckar, definir e produzir para que o telespectador, em poucos minutos, possa conhecer um pouco mais sobre a cidade e região em que vive.

O jornalismo investigativo exige dedicação, organização, recursos e, entre outras características, profissionais especializados em cobrir situações que fogem da rotina factual de uma redação.

Para quem gosta ou quer aprender mais sobre esse setor, encontrará nas próximas páginas dicas, relatos, entrevistas e os bastidores da série Cracolândia, exibida pela TV Fronteira, filial da Rede Globo.

A reportagem foi exibida no ano de 2008, mas ainda continua atual, pois demonstra que a droga não é um problema típico da capital. Ela quebra mitos, invade e destrói lares em todos as partes do Brasil, como aqui, em Presidente Prudente e Pirapozinho.

Com certeza, este jornal mostra que jornalismo é a profissão movida pela paixão e guiada pela curiosidade. É um trabalho que se faz não apenas por dinheiro e sim, pela vontade de mostrar a verdade.

Portanto, boa leitura.

Artigo

A liberdade, antes de tudo

Ana Priscila Affonso

Em 1964, estudantes, civis e militares estavam em confronto pela reforma de instituições, e uma melhora do ensino. O Ato Inconstitucional (AI-5) trouxe conseqüências a todos os meios de comunicação da época; era um golpe contra a liberdade de expressão, contra os movimentos revolucionários, contra os estudantes, contra o direito de ir e vir, contra a expressão de pensamentos contrários ao governo.

Pessoas pressas, baleadas, mortas, exiladas, torturadas por um ato brutal do governo de João Belchior Marques Goulart. O País sonhava com o fim da ditadura militar.

Começava naquele ano, o período mais obscuro da ditadura, com censores quase sempre despreparados intelectualmente, que acabavam sendo combatidos com metáforas, parábolas e imagens, por jomais como O Estado de São Paulo e O Pasquim.

O tiro saiu pela culatra para os jornalistas, pois de tanto procurarem detalhes que pudessem comprometê-los, os militares se tornaram paranóicos. Peças teatrais tiveram suas apresentações interrompidas bruscamente por um dos órgãos do Governo – o Departamento de ordem política e social (Dops); atores foram presos e espancados. Nessa época, mesmo com toda censura instaurada, nossos cantores e, até mesmo filmes, foram reconhecidos dentro e fora do País. Tom Jobim em parceria com Chico Buarque ganhava o Prêmio do Festival da Canção com “Sabá”. Mas o hino da resistência democrática no Brasil era a musica de Geraldo Vandré “Para não dizer que não falei das flores”.

Dez anos depois, em 31 de dezembro de 1978, o AI-5 seria revogado. Deixando seus vestígios nos jomais e em militantes da época (muitos desaparecidos até hoje).

Para entender nosso presente torna-se necessário voltarmos ao passado, golpes como o AI-5 só aconteceram porque o País e seus comandantes não ofereciam à sociedade condições favoráveis a ela, e ainda a impedia de revogar tais direitos.

Depois de vermos mulheres queimarem sutiãs, nossos pais e ídolos em passeatas pela democracia, pensávamos que, na era da informação, seria impossível o fim da liberdade de imprensa e expressão.

Sonho ou realidade? Quantos escândalos do Governo foram desvendados, e quantos continuam escondidos? A escola pública hoje é de qualidade? Nossos policiais estão preparados para lidarem com o crime? Quantos se corrompem?

Questões como essas podem facilmente ser escondidas, para benefício de poucos. Cabe às mídias retratarem tais assuntos. Cabe ao jornalismo investigativo trazer tudo isso à tona. A imprensa não pode se calar nem ser calada, e muito menos o cidadão ter seu direito ao acesso de informação negado. O homem pouco pode evoluir sem educação, saúde, segurança, trabalho e liberdade. Que possamos utilizar a nossa comunicação, sentido esse que nos distingue de outros animais, em benefício de toda humanidade. Esse é o meu sonho antes de tudo, a liberdade.

Artigo

Quando a denúncia provoca mudança

Lucas Ribeiro

Ações policiais, apoio de igrejas, Organizações Não-Governamentais (ONGs) e projetos de leis. Essas, e muitas outras formas de combate ao tráfico e uso de substâncias ilícitas, acontecem enquanto você lê esse texto. Mas todos estes mecanismos de combate, não parecem suficientes, principalmente no universo que o crack envolve. Segundo dados da Polícia Militar de Presidente Prudente, o crack é a substância que teve o aumento mais expressivo no índice de todas as drogas comercializadas, entre 2008 e 2009.

A Polícia Militar (PM) combate diretamente o tráfico e uso de drogas nas ruas. A vivência com o problema é um dos alicerces para que a operação dê resultado. Conhecer o perfil de traficantes e usuários é fundamental para saber como agir. Na maioria das vezes são os moradores que indicam onde estão as zonas de maior risco. Como observa o comandante do 18º Batalhão da PM, tenente-coronel Geraldo Fernandes Néspoli Bernardinelli. “Através de denúncias, a sociedade tem colaborado para que o trabalho da Polícia Militar tenha resultado positivo”.

Na visão jornalística a confirmação de uma denúncia é o flagrante, e isso se faz com gravadores sonoros e visuais, instrumentos de trabalho da profissão. Um exemplo disso é a série Cracolândia, exibida em 2008

pela TV Fronteira, a denúncia foi exposta nas imagens e depois a polícia efetuou a ocorrência. “A confirmação de infração à lei exibida nas imagens, se confirma com o flagrante da polícia”, afirma João Paulo Nunes, produtor da TV Fronteira e idealizador da série.

Nesse caso é possível observar que tanto população, instituição governamental (PM) e mídia, agiram juntas para ir contra ao problema social. É de praxe acusar governantes, ou chamar usuários de vagabundos, o difícil é fazer a diferença. Neste caso específico, o jornalismo incomodou as autoridades e até a própria sociedade ao mostra que a realidade das drogas está cada vez mais perto de nós.

Hoje o crack já é considerado como um problema de saúde pública. Os depoimentos de quem vive dia-a-dia na cracolândia são de angústia e de arrependimento por ter entrado neste universo, muitas vezes, sem volta.

Será papel do jornalismo, investigar junto a polícia as denúncias dos cidadãos? Ou ainda criar caminhos mais diretos para os direitos de segurança e saúde pública? O melhor caminho para tornar a sociedade mais habitável é difícil de ditar, mas há uma certeza que quando um grupo se une as mudanças acontecem como exemplo dos moradores, jornalistas e polícias que combateram a cracolândia de Prudente.



O Jornal Laboratório Ligação é um trabalho experimental dos alunos do oitavo termo de Jornalismo da Facopp

Expediente:

Coordenação Geral: Profº. Munir Jorge Felício
 Coordenação do Jornal Laboratório: Profº. Giselle Tomé
 Coordenação de Jornalismo: Profº. Carolina Costa Mancuzo
 Edição: Karina Felício
 Fotos: Lucas Ribeiro

Projeto gráfico: Profº. Marcelo Mota
 Diagramação: Tatiane Ferreira
 Realização: FACOPP - Faculdade de Comunicação Social “Jornalista Roberto Marinho” de Presidente Prudente

ATRÁS DA DENÚNCIA, HÁ UMA CÂMERA LIGADA

O cinegrafista torna-se um dos maiores responsáveis pelo êxito de qualquer matéria

Lucas Ribeiro

Ao cair da noite, as luzes em maior evidência é dos isqueiros na Rua Francisco Machado de Campos, zona leste de Presidente Prudente. Em um canto escuro, usuários de crack se entorpecem da droga. Um menor de idade tenta roubar um motorista, após uma negociação que não deu certo. Prostitutas e travestis comandam o tráfico de entorpecentes que é intenso e atrai pessoas de todas as camadas sociais.

Esse é o cenário do material flagrado pelo cinegrafista Cláudio Ferreira, em julho de 2008, levado ao conhecimento público pela série denominada Cracolândia, exibida pela TV Fronteira, filiada da Rede Globo, com repórter Rildo Herrera e produção de João Paulo Nunes.

Para o cinegrafista, em trabalhos como esse de câmera escondida, apertar o “rec” não é a única coisa a se fazer. Colher imagens de denúncia é característico do jornalismo investigativo, que exige técnica, apuração, tempo e, acima de tudo, planejamento. Nesse tipo de trabalho é preciso entender como o problema funciona e fazer tudo de forma calculada, pois há risco de morte. Mas em alguns casos a denúncia é recebida na hora que está acontecendo o delito, a vivência do profissional e frieza é essencial para conseguir as imagens.

Não basta só ter um belo material, se o cinegrafista não tiver a mesma percepção do repórter. As imagens são provas de que existe algo revelador para quem está assistindo, se não há coerência, visibilidade ou outro fator que não deixe claro o que está acontecendo, não há como concretizar e expor a denúncia. “Toda imagem é complicada. Neste caso específico, o horário atrapalhava, pois as cenas mais fortes foram à noite e havia falta de luz. Filmamos com ângulo pequeno pela segurança, pois ninguém podia perceber. Técnica ajuda e o equipamento é o comum da TV digital com gravação em disco”, detalha Cláudio.

O cinegrafista é o primeiro a ver tudo e imagina os ângulos e seqüências que serão filmadas para dar harmonia com o texto do repórter. Não há tempo para falhas, se uma seqüência não é flagrada por inteira, dificilmente se repetirá. “Sem o cinegrafista não teríamos a matéria. O responsável pela matéria é ele. Tem imagem? Tem. Se não tem, estamos sem matéria. Um dia ele me ligou e disse enérgico: você não acredita, o povo está aqui fumando e será que a gente vai conseguir pegar? Uma coisa é imaginar que a situação existe, outra coisa é pensar como vamos flagrar”, comenta o produtor João Paulo Nunes.

A ESCOLHA DO LOCAL

No reconhecimento do local para a série, Ferreira observou qual seria o melhor ponto para fazer as imagens. Junto com o produtor, entrou em contato com uma moradora. A casa dela favorecia estrategicamente a filmagem.

Após definido e acertado o local, é hora de pensar em não ser reconhecido. Durante 14 dias, sempre às 18h, o cinegrafista entrava em uma residência, passando-se por

músico. Em uma maleta de carregar trompete, estava a câmera e ele entrava despercebido.

Essa é a principal medida para garantir a segurança da equipe e conseguir os flagrantes claramente. Se o recurso de câmera escondida não fosse usado, os infratores não continuariam cometendo seus atos ilícitos, ou ainda, esse episódio poderia acabar em tragédia, como foi o caso do repórter Tim Lopes, morto fazendo uma matéria de investigação.

COMO MOSTRAR

“Mostrar a denúncia não é simples, precisa ter percepção e vivência”, ensina Ferreira, que trabalha a 25 anos no setor. “No investigativo, você vê o que está errado. Se você mostra e as pessoas vêem, aquilo pode melhorar. Quando mostra a coisa errada você sabe que algo vai acontecer”, sentencia.

No desenrolar das gravações, é possível captar expressões de medo e vergonha dos usuários. “Um dia andava pelo local e uma prostituta usava a droga. Quando olhei de novo foi horrível. A sensação gravada é do medo, quando ela me viu abaixou

a cabeça, queria se esconder.”

O profissional que convive mais tempo com o problema é o câmera, desde a identificação até encaminhar as imagens para edição. Como na maioria das investigações, foram horas de espera e minutos de flagrantes.

Para Ferreira, mostrar aquela realidade significava pedir socorro para um local onde ele, quando criança jogava bola na rua, sem ter drogas e prostituição. Mostrar o problema foi uma forma de combatê-lo.

DESFECHO

Reportagens investigativas podem ser feitas com o apoio da polícia. O problema deve ser mostrado e na seqüência a ação policial entra em cena. Se as imagens aparecem na televisão antes, os infratores têm tempo para deixar o local.

Esta série teve a colaboração da Polícia Militar de Presidente Prudente, que garantiram a integridade da equipe e atuaram na solução do problema apresentado nas imagens.

Lucas Ribeiro



“Mostrar a denúncia não é simples, precisa ter percepção e vivência” Cláudio Ferreira - cinegrafista

CRACOLÂNDIA: OS BA

O caminho do crack acontece em portas de escolas e nos centros das cidades de Pirapozinho



Ana Priscila Affonso

A série "Cracolândia", exibida pela TV Fronteira, afiliada a Rede Globo, em julho de 2008, levava uma polêmica ao ar: o crack estava presente no interior do Estado de São Paulo, e era vendido por traficantes na porta de uma escola na cidade de Pirapozinho e nas ruas próximas a rodoviária de Presidente Prudente.

A TV Fronteira, localizada na cidade de Presidente Prudente, possui uma equipe especializada em coberturas investigativas. Esse núcleo de investigação é composto por João Paulo Nunes (produtor) e Rildo Herrera (repórter). Na série "Cracolândia", o cinegrafista Cláudio Ferreira completou o quadro de profissionais responsáveis por produzir esse produto jornalístico.

No início da década de 90, o crack já estava espalhado em todo país, e seus usuários também, aumentando não só o número de dependentes, mais de mortes e crimes relacionados a ele, trazendo gastos ao poder público com saúde e segurança. No interior não poderia ser diferente: nas imagens exibidas, o "crack" chamava a atenção da população que começava a entender o poder de degradação que a droga causa no usuário, fazendo com que este, em pouco tempo, ficasse à mercê de traficantes e da própria substância.

O trabalho de apuração e produção dessa série durou quatro semanas. Sete profissionais foram escalados somente para essas matérias. A comunicação entre eles era constante, através de telefones celulares e reuniões diárias.

Para o decorrer da matéria, o trabalho junto a polícia militar foi essencial para a segurança, e o comprometimento desses profissionais as gravações ocorreram de uma residência



Imagens: Reprodução TV Fronteira



PROFISSIONAIS RESPONSÁVEIS PELA PRODUÇÃO DA SÉRIE



Arquivo pessoal

Fernando Schwarz
Gerente de jornalismo



João Paulo Nunes
Produtor

ASTIDORES DA SÉRIE

no e Presidente Prudente, como demonstrado em série exibida por emissora de televisão



Imagens: Reprodução TV Fronteira

próxima ao local das denúncias. O contato foi realizado pela produção, que enfatizou a importância da colaboração dos moradores, para exposição do problema e possível reflexão das autoridades e telespectadores.

Foram mais de sete meses de investigação policial, em que foram apreendidos, durante as gravações armas, sendo uma delas de choque elétrico, munições, celulares, computadores, rádio escutas, carros, motos, Jet-sky, drogas, e dinheiro em poder dos acusados.

Um cartel para venda da droga também foi descoberto, uma espécie de “disk-crack”. Pelo telefone os traficantes não tinham o risco de terem esse local descoberto, então combinavam a entrega da droga, “você ‘moca’ umas 10 pedras aí, ou uma que eu vou descendo pra buscar, tá bom?”, fala um dos traficantes em escutas telefônicas concedidas pela polícia.

Durante outra investigação, a polícia descobriu mais uma estratégia dos traficantes – venderem a droga nas proximidades de uma escola na cidade de Pirapozinho, onde a presença de adolescentes é constante. Segundo o delegado da cidade “o traficante visa lucro, quer dizer, ele visa vender quantidade. Nas escolas ele vai ter um público que está buscando emoção. E ele oferece é emoção na forma de droga”.

Ainda segundo a polícia, alguns desses usuários compravam o crack e consumiam ali mesmo, dentro da casa que se localizava nas proximidades da escola. A mulher que gerenciava o local durante as filmagens foi autuada por tráfico de drogas.

Na cidade de Presidente Prudente a denúncia e a venda da droga foram ambas confirmadas; travestis, prostitutas e menores de idade vendiam as pedras. O comércio do tráfico de crack acontecia ali no meio da rua.

Nas imagens colhidas pela TV Fronteira é possível ver

a comercialização do crack. As garotas de programa tiravam a droga do sapato, passavam ao usuário, pegavam o dinheiro, e eram pagas com as pedras da droga, para manter o consumo próprio. Os menores de idade também foram flagrados no local comercializando a droga, e consumiam ali mesmo sem nenhuma restrição.

As imagens exclusivas mostravam que o lugar se tornou um ponto muito disputado pelos traficantes. Desta forma, imóveis estão perdendo seu valor comercial devido à deterioração do local, e seus possíveis índices de violência. Moradores se sentem ameaçados, e os que decidem falar não querem mostrar o rosto com medo de retaliações, “Antigamente era tranquilo, as pessoas se reuniam nas calçadas; hoje não tem condições, escureceu, entrou em casa. É uma zona de tráfico de drogas”, relato de um morador que já faleceu.

Combater o avanço do crack nas cidades da região é um dos desafios da polícia. É um trabalho complicado, porque não existem grandes laboratórios de crack. A droga, derivada da cocaína, pode ser produzida em casa, em qualquer fogão a gás.

A toxicologista Rita Higa alerta para os perigos da droga: “O crack leva a uma escravidão. O indivíduo busca cada vez mais, e essa compulsão torna impossível qualquer tipo de tratamento.”

Para o ex-delegado seccional Geraldo Fernandes Néspoli Berardinelli, de Presidente Prudente, o consumo da droga deve ser combatido por todos “É uma doença social que deve envolver não só os órgãos de repressão, mas toda sociedade”.

Foram quatorze dias e noites em busca de imagens e trabalho intenso desses profissionais, que se comprometeram a levar ao público o que estava acontecendo: o interior do estado sofria com a entrada do crack e sua disseminação entre seus moradores.



Rildo Herrera
Repórter



Cláudio Ferreira
Cinegrafista



Paulo Roberto Pereira
Editor de imagens

Fotos: Lucas Ribeiro

PLANEJAMENTO GARANTE INVESTIGAÇÃO SEGURA

Premeditar os perigos que envolvem a apuração é fundamental para concretizar a reportagem

Lucas Ribeiro

A palavra investigar pode ser substituída por vários sinônimos, como: averiguar, indagar, pesquisar, buscar, entre outras. Mas para a profissão de jornalista, esse conceito extrapola o simples ato que a palavra sugere. Todo jornalista tem que possuir dentro de si a vontade de averiguar os acontecimentos de todos os ângulos, mas só alguns estão no âmbito de se especializar em jornalismo investigativo.

O conceito na profissão é empregado a matérias que envolvem problemas sociais como produções jornalísticas voltadas para violação de leis ou dos direitos dos cidadãos. São matérias que demandam de tempo na apuração, ou seja, fogem do deadline tradicional, requer checagem, recheagem e confirmação, consulta de várias fontes, cruzamento de dados, informações, planejamento, investimento em equipamento fotográfico ou cinegráfico e cuidado com a equipe, pois, dependendo da apuração as vidas de repórteres, cinegrafistas e

fotógrafos podem correr risco.

Surgimento da série

Em Presidente Prudente existe um núcleo de investigação jornalística implantado pela TV Fronteira, afiliada da TV Globo.

O produtor João Paulo Nunes e o repórter Rildo Herrera são os responsáveis pelas matérias de investigação. Eles não ganham a mais para trabalhar nessa área, se dedicam por amor à profissão. "Investigativo é identificar as coisas por trás do que você tem de imediato. As pessoas procuram confiança dentro de quem trabalha na TV para divulgar fatos. Precisa de sabedoria para identificar o certo e errado. Motivação é técnica e não, algo pessoal. Investigativo é trabalhar paralelamente. Apenas acompanhar a polícia é uma matéria comum. Jornalismo investigativo é uma editoria e uma maneira de apurar. O Policial é mais cotidiano", ressalta o produtor.

Nunes e Herreira trabalharam

na Série Cracolândia, exibida em 2008, e contaram com Cláudio Ferreira, cinegrafista já experiente nesse tipo de cobertura.

"Nesse caso a investigação foi sugerida pela Rede Globo", afirma o produtor e explica: "Como o problema da droga é evidente em todo o país, a central pediu as filiais gravarem imagens e fazer matérias para serem usadas em rede nacional".

O material produzido pela filial não foi escolhido para entrar na rede. Para não perder o conteúdo, de importância jornalística e social, a TV Fronteira investiu na série Cracolândia em seu território de abrangência.

Desenrolar do bastidor

Ao cair da noite os idealizadores da série ao passarem pela rua Francisco Machado de Campos, próxima ao centro de Presidente Prudente, constataram que o local era ponto de tráfico e consumo de crack. De imediato, como um bom observador, o cinegrafista já

prestou atenção de onde poderia colher imagens com segurança.

O produtor, João Paulo Nunes, é quem fez o contato para que a câmera pudesse gravar. O local escolhido foi uma residência. Para conseguir permissão dos proprietários foi acordado entre as partes que seus nomes, assim como seu endereço, seriam mantidos em sigilo. "Eu cheguei para a moradora do local e fui sincero: precisamos fazer imagens do que está acontecendo aqui. Eu sei que é um incômodo ter uma pessoa entrando na sua casa, mas queremos que melhorem as condições do bairro. Sem a droga por aqui, o imóvel valoriza e é melhor para receber visitas", disse Nunes.

Após obter o consentimento dos donos da casa, era hora de pensar em como não ser reconhecido. Nesse caso, o disfarce de músico caiu bem. "Eu entrava vestido de preto com uma maleta e a câmera lá dentro", afirma Ferreira.

Preocupado em garantir a segurança da equipe, o produtor também conversou com a polícia, explicou que durante alguns dias estariam colhendo imagens para uma matéria sobre o comércio de drogas e que também gostariam de fazer um material sobre o trabalho da polícia.

Desta forma, os policiais estavam sempre por perto dando cobertura a atuação da equipe. Isso permitiu que as imagens fossem feitas, podendo verificar como atuavam os usuários e traficantes e também proporcionaram aos profissionais um clima de segurança.

Todo esse planejamento partiu do Núcleo de Investigação. É nesse clima de cautela e euforia que são feitas as gravações. E por isso, o contato com a polícia garante a segurança e o desfecho da história.

Tudo ocorreu como planejado e foi possível demonstrar o flagrante da polícia e suas ações para punir os envolvidos e coibir o crime. A PM foi no local, efetuou prisões e encaminharam menores e viciados para os locais de tratamento. "A série mostrou o que as pessoas já pensavam que existia. A cracolândia em Prudente existe", observa Nunes.



Lucas Ribeiro

Após traçado o planejamento, entra em ação o núcleo de jornalismo investigativo

BRASIL CONSOME DROGA DISSEMINADA NOS EUA

Descoberta na década de 80, o uso das “pedrinhas da morte” tem aumentado nos últimos anos

Ana Priscila Affonso

A mistura e o aquecimento da cocaína (Erythroxyton coca), do bicarbonato de sódio e água designam o nome da pedra crack, que estala em contato com o fogo. Isso que faz com que a droga seja forte e cause dependência mais rápido do que outras substâncias existentes. Atualmente essa problemática atinge a sociedade brasileira, sendo um risco mundial, pois o aumento do consumo da droga incide em problemas como o tráfico, prostituição, homicídios, furtos e dependentes.

O crack apareceu nos becos dos Estados Unidos e recebeu o apelido de “pedrinhas da morte” quando descoberto na década de 80, pela polícia americana. Inicialmente pessoas sem dinheiro para comprar cocaína eram seduzidas pelo crack junto a uma legião de curiosos em experimentar a “nova droga”, cinco seis vezes

mais potente que a cocaína em pó, conforme classificou o próprio governo americano na época. No final da década de 80, os paulistas perceberam a existência da droga na capital.

A partir de 1991, as “paneladas de crack de São Mateus” ganharam destaque na imprensa. Era a “maneira industrial” de fazer pedras e distribuí-las para toda a cidade.

Seja ao meio-dia ou de madrugada é possível observar a venda e o uso da droga nas ruas de São Paulo, próximo a Estação da Luz. À noite as ruas são tomadas por usuários, que com a fiscalização da polícia começaram a procurar por outras ruas e becos.

Nos cinco mil pontos de venda de droga em São Paulo, catalogados pelo Denarc (Departamento de Investigação sobre Narcóticos), os policiais têm informações que 80% só vendem crack.

As estimativas do Denarc apontam um mercado que movimenta diariamente na capital cerca de R\$ 5 milhões. A explicação para a cifra milionária pode estar no fato de que um viciado em crack é um comprador assíduo. O preço médio da droga é R\$ 10,00.

O Comed (Conselho Municipal de Políticas sobre Drogas) realiza o levantamento de usuários em cidades do interior. Na cidade de Prudente, essa pesquisa não foi realizada o que dificulta a identificação do problema, como afirma Mônica Tolomei Coordenadora Técnica do CAPS (Centro de Atenção Psicossocial), em Presidente Prudente. “Infelizmente não existe um levantamento do número de usuários de crack, e isso atrapalha o nosso trabalho e o da polícia porque não temos ideia desse público, só podemos fazer levantamento dos nossos pacientes e atendimentos realizados”.

A prevenção é vista como a grande saída. Cabe a cada Estado desenvolver seu programa. “Temos 880 prontuários, ou seja, cadastros de pessoas de que passaram por aqui, este ano. Menores de idade são encaminhados através do Conselho Tutelar, ou pacientes com idades avançadas são conduzidos pelas UBS (Unidades Básicas de Saúde)”, relata Tolomei.

Cada programa de reabilitação tem custo alto aos cofres públicos. No caso de tratamento em hospitais especializados, a quantia é maior por paciente internado. Hoje muitas famílias sofrem direta ou indiretamente pelo uso do crack. A cada inalação, os usuários são tomados por momentos de excitação. Mas quando a pedra se esgota, eles ficam exaustos, o corpo amolece e a pessoa entra em sono profundo, semelhante ao desmaio.

PROBLEMAS RELACIONADOS AO USO DA DROGA



PSICOLÓGICO

- Euforia plena
- Depressão
- Inquietação
- Comportamento violento
- Hábitos de higiene e cuidados pessoais

FÍSICO

- Lábios, língua e garganta ressecada
- Desnutrição
- Tremores
- Alucinações
- Ataque cardíaco
- Convulsões
- Overdose

GESTANTES

- Má formação do feto
- Contrações forçadas
- Redução de suprimento na corrente sanguínea

PARA MAIS INFORMAÇÕES:

- CAPS : (18) 3907-6753
- APREV : (18) 3903-3322
- N.A. : (18) 3916-3023

FONTE: www.ctviva.com.br

TRABALHO CONSTANTE

POLÍCIA UTILIZA MEDIDAS PARA COMBATE AS DROGAS

Denúncias, cães e orientação nas escolas são algumas das ações utilizadas

Tatiane Ferreira

Euforia plena, seguida de uma profunda depressão. Estes são alguns dos efeitos que a pessoa sente ao consumir crack. De acordo com dados fornecidos pelo setor de Comunicação do 18º Batalhão da Polícia Militar de Presidente Prudente, até o mês de agosto de 2010, 48% dos casos atendidos eram de tráfico ou uso de crack.

Por este motivo, no primeiro semestre deste ano, o governo lançou o "Plano Integrado para Enfrentamento do Crack", que visa amenizar o uso de droga, formando parcerias com os municípios e principalmente com a polícia, utilizando medidas de repressão como: denúncias feitas pela população através do 190, cães farejadores e medidas de prevenção realizadas pelo Proerd (Programa

Educacional de Resistência às Drogas), que desenvolve programa de caráter social e preventivo, realizado nas escolas de ensino fundamental, em todos os estados do Brasil.

Repressão

Para combater o crack, a polícia utiliza medidas de repressão, pois de acordo com informações do Setor de Comunicação Social do 18º Batalhão de Presidente Prudente, a população ao realizar as ligações para o telefone de emergência, torna-se uma das maiores colaboradoras da instituição. Ao ligar, a pessoa passa informações do local onde ocorre o delito, número de pessoas envolvidas, características físicas e roupas, e qualquer tipo de informação que possa facilitar a ação da polícia. O importante de todo este trabalho é que a identidade do denunciante será mantida no mais absoluto sigilo.

Outra forma de repressão utilizada pelos policiais são os cães farejadores, que no ano de 2009 e 2010 tiveram participações em apreensões de entorpecentes.

Em 2010 apoiaram operações em Pirapozinho e Martinópolis que resultaram na apreensão de 6 kg de maconha. De acordo com a Secretaria de Comunicação da PM, em 2009 em uma única ocorrência em Presidente Prudente 98 kg foram apreendidos.

Prevenção

Como medida de prevenção, a Polícia Militar realiza o Programa Educacional de Resistência às Drogas e a Violência (Proerd), com policiais capacitados a orientar crianças de todos os vários estados, com trabalhos educativos de orientação e conscientização sobre o uso de drogas.

Atuando com caráter social e preventivo, posto em prática em todos os Estados do o Proerd tem a missão de prevenir que as crianças conheçam e entrem para o mundo das drogas, e também que se tornem cidadãos conscientes, resistentes a pressão de outros dependentes e com auto-estima.

Em 2009, na cidade de Presidente Prudente foram formados mais 5.925 crianças da 4º série do ensino fundamental. O tempo de duração do curso é de 17 semanas. São aplicados ensinamentos maneiras e métodos para resistir aos apelos das drogas e principalmente como dar mais valor a vida sem utilizar substâncias tóxicas. O batalhão da Polícia Militar da Alta Sorocabana possui 10 policiais, que atuam nas cidades da região só dentro deste programa.

Polícia Militar utiliza vários recursos para acabar com o tráfico de drogas de Prudente e região



- A avaliação do programa foi muito favorável em todos os segmentos da sociedade, demonstrando claramente se tratar de uma iniciativa não apenas necessária, mas urgente, estendendo à participação efetiva dos pais de alunos, professores, funcionário e a comunidade residente ou estabelecida nas proximidades dos estabelecimentos de ensino;

- Sua força está alicerçada na figura do policial instrutor, o qual se transforma em um líder comunitário, dedicando-se não apenas a ensinar, mas a resolver problemas que muitas vezes transcendem às orientações focadas na segurança, sendo que essas ações se traduzem em elemento motivador aos policiais militares, melhorando a auto-estima, espírito de solidariedade e ainda afloram os sentimentos humanitários.

DADOS FORNECIDOS PELA SEÇÃO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL DO 18º BATALHÃO DE POLÍCIA MILITAR DO INTERIOR



Imagem: Al 18 Batalhão da Polícia Militar